1

LÁGRIMAS NO MERCADO

Desde que a minha mãe morreu, choro no H Mart.

O H Mart é uma cadeia de supermercados especializada em comida asiática. O *H* representa *han ah reum*, uma expressão coreana que se traduz aproximadamente por «uma mão cheia de produtos de supermercado». O H Mart é para onde os miúdos «paraquedas» afluem para encontrar o tipo de *noodles* instantâneos que os fazem lembrar de casa. É onde as famílias coreanas compram bolos de arroz para fazer *tteokguk*, a sopa de carne de vaca e bolos de arroz que traz o Ano Novo. É o único lugar onde se consegue encontrar uma cuba enorme de alho descascado, porque é o único sítio que verdadeiramente entende de quanto alho vamos precisar para preparar o tipo de comida que a nossa gente come. O H Mart é a libertação do corredor único da secção «étnica» nas mercearias comuns. Aqui não põem feijão *Goya* ao lado de garrafas de *sriracha*. Em vez disso, provavelmente vão encontrar-me a chorar ao pé dos frigoríficos de *banchan*, recordando o sabor dos ovos com molho de soja da minha mãe e da sopa fria de beterraba. Ou na secção dos congelados, com um saco de massa para *dumplings*, pensando em todas as horas que a Mãe e eu passámos na cozinha a enrolar porco picado e cebolinho na massa fina. A soluçar junto dos produtos secos, a perguntar-me, *Ainda sou coreana sequer se já não sobrar ninguém a quem ligar, para perguntar que tipo de algas costumávamos comprar?*

Tendo crescido na América com um pai caucasiano e uma mãe coreana, dependi da minha mãe para ter acesso à nossa herança coreana. Embora nunca me tenha realmente ensinado a cozinhar (os

coreanos têm tendência a rejeitar medidas e fornecer apenas as instruções mais crípticas do tipo «adicionar óleo de sésamo até saber como o da Mãe»), a verdade é que me criou com um apetite distintamente coreano. Isto significa uma reverência por boa comida e uma predisposição para fome emocional. Éramos esquisitas com tudo: o *kimchi* tinha de ter a acidez perfeita, o *samgyupsal,* de ser perfeitamente crocante; os guisados tinham de estar a ferver, ou podiam não ser comestíveis. O conceito de preparar refeições para toda a semana era uma afronta ao nosso estilo de vida. Perseguíamos os nossos desejos diariamente. Se nos apetecia guisado de *kimchi* três semanas seguidas, deliciávamo--nos até aparecer outra vontade. Comíamos de acordo com as estações e os feriados.

Quando chegava a primavera e o tempo mudava, trazíamos o nosso fogareiro cá para fora e fritávamos tiras de entremeada no terraço. No meu aniversário, comíamos *miyeokguk* — uma sopa forte de algas, cheia de nutrientes, que as mulheres eram encorajadas a comer no pós-parto e que os coreanos comiam tradicionalmente no aniversário, para celebrar as suas mães.

A comida era como a minha mãe expressava o seu amor. Não importava quão crítica ou cruel pudesse parecer — pressionando-me constantemente para corresponder às suas expectativas obstinadas — conseguia sempre sentir o seu afeto a irradiar dos almoços que embalava para mim, exatamente como eu gostava. Mal sei falar coreano, mas no H Mart sinto-me como se fosse fluente. Acaricio os frutos e digo as palavras em voz alta — melão *chamoe*, *danmuji*. Encho o carrinho de compras com todas as guloseimas que têm uma embalagem lustrosa decorada com um desenho familiar. Penso na vez em que a minha mãe me mostrou como usar o pequeno cartão de plástico que vinha dentro dos pacotes de *Jolly Pong*, como usá-lo como colher para enfiar arroz tufado de caramelo na boca, e como inevitavelmente o deixava cair pela camisa abaixo e se espalhava pelo carro todo. Lembro-me das guloseimas que a minha mãe dizia que comia quando era pequena e como eu tentava imaginá-la com a minha idade. Queria gostar de todas as coisas de que ela gostava, encarná-la completamente.

A minha dor vem em ondas e é, em geral, espoletada por algo arbitrário. Consigo contar-lhes com uma expressão composta como foi ver o cabelo da minha mãe cair na banheira, ou acerca das cinco semanas que passei a dormir em hospitais, mas apanhem-me no H Mart quando um miúdo aparece a correr, com sacos de pástico de *ppeongtwigi* em ambas as mãos, e não me aguento. Aqueles pequenos *Frisbees* de bolo de arroz foram a minha infância, uma época mais feliz em que a Mãe estava lá e nós mastigávamos os discos que pareciam de esferovite, depois da escola, dividindo-os como flocos para embalagens, que se derretiam na nossa língua como açúcar.

Choro quando vejo uma avó coreana a comer *noodles* de marisco na zona da restauração, descartando as cabeças dos camarões e as cascas dos mexilhões na tampa da tigela de arroz da filha. O seu cabelo cinzento e frisado, as maçãs do rosto protuberantes como os topos de dois pêssegos, sobrancelhas tatuadas, a oxidar conforme a tinta desaparece. Pergunto-me que aparência teria tido a minha mãe nos seus setenta, se teria acabado com a mesma permanente que todas as avós coreanas fazem, como se fizesse parte da evolução da nossa raça. Vou imaginar os nossos braços dados, a sua estrutura pequena encostada à minha quando apanhamos as escadas rolantes para a zona de restauração. As duas totalmente de preto, «ao estilo de Nova Iorque», diria ela, a sua imagem de Nova Iorque ainda enraizada na era do *Boneca de Luxo*. Levaria a mala de cabedal acolchoado da *Chanel* que desejara a vida toda, em vez das falsas que comprava nas ruas secundárias de Itaewon. As suas mãos e rosto estariam ligeiramente pegajosos dos cremes anti-envelhecimento da *QVC*. Usaria uns estranhos ténis-bota com cunhas de que eu discordaria. «Michelle, na Coreia, todas as celebridades os usam.» Tiraria o cotão do meu casaco e implicaria comigo — como eu encolhia os ombros, como eu precisava de sapatos novos, como eu devia mesmo começar a fazer aquele tratamento de óleo de argão que me tinha comprado — mas estaríamos juntas.

Para ser honesta, há muita raiva. Tenho raiva desta velhota coreana que não conheço, que ela esteja viva e a minha mãe não, como se, de alguma forma, a sobrevivência desta desconhecida estivesse ligada à

minha perda. Que alguém da idade da minha mãe ainda possa ter uma mãe. Porque é que ela está ali a sorver *noodles jjamppong* picantes e a minha mãe não? Outras pessoas devem sentir-se assim. A vida é injusta, e por vezes ajuda se culparmos irracionalmente alguém por isso.

Às vezes, a minha dor é como se me tivessem deixado sozinha num quarto sem portas. Cada vez que me lembro de que a minha mãe está morta, parece que colido contra uma parede que não cede. Não há escapatória, só uma superfície dura contra a qual continuo a chocar uma e outra vez, uma recordação da realidade imutável de que nunca mais vou vê-la.

Os H Marts situam-se habitualmente nos arredores das cidades e servem como centro secundário para os centros comerciais a céu aberto de montras e restaurantes asiáticos, que são sempre melhores do que os que estão mais próximos da cidade. Falamos de restaurantes coreanos que enchem tanto a mesa de acompanhamentos *banchan*, que és forçado a jogar um interminável jogo de *Jenga* com doze pratinhos minúsculos de anchovas salteadas, pepinos recheados e *pickles* de tudo. Não é como aqueles sítios tristes de fusão asiática perto do trabalho, onde servem pimentos no seu *bibimbap* e olham para ti de lado quando pedes mais uma dose de rebentos de soja murchos. Estes são de verdade.

Sabes que vais na direção certa porque há sinais a apontar o caminho. Conforme avanças na tua peregrinação, as inscrições nos toldos começam lentamente a transformar-se em símbolos que podes ou não ser capaz de ler. É aí que o meu coreano de nível da escola primária é testado — com que rapidez consigo pronunciar as vogais no trânsito? Passei mais de seis anos a frequentar a *Hangul Hakkyo* todas as sextas-feiras, e isto é tudo o que consigo. Consigo ler as placas para as igrejas, para um gabinete de optometrista, um banco. Mais dois quarteirões, e estamos mesmo no coração do bairro. De repente, é outro país. Toda a gente é asiática, um enxame de diferentes dialetos cruzados como cabos telefónicos invisíveis, as únicas palavras inglesas são *ensopado* e *bebidas alcoólicas*, e estão todas enterradas sob uma variedade de símbolos e grafemas, com um tigre de *anime* ou um cachorro-quente a dançar ao seu lado.

Dentro de um polo H Mart, vamos encontrar algum tipo de zona de restauração, uma loja de eletrodomésticos e uma farmácia. Habitualmente, há um balcão de produtos de beleza, onde é possível comprar maquilhagem coreana e produtos para o cuidado da pele com baba de caracol ou óleo de caviar, ou uma máscara facial que alardeia vagamente «placenta». (Placenta de quem? Quem sabe?). Geralmente, há uma pastelaria pseudo-francesa com café fraco, *bubble-tea* e uma variedade de pastelaria brilhante que tem sempre muito melhor aparência do que sabor.

O meu H Mart local hoje em dia é em Elkins Park, uma cidade a nordeste de Filadélfia. A minha rotina é ir até lá de carro para almoçar aos fins de semana, abastecer-me de produtos de mercearia para a semana e cozinhar qualquer coisa para o jantar inspirada na oferta de frescos dessa semana. O H Mart em Elkins Park tem dois andares; a mercearia é no rés do chão e a zona de restauração é por cima. Lá em cima, há uma variedade de bancas que servem diferentes tipos de comidas. Uma é dedicada a *sushi*, outra é estritamente chinesa. Outra é para *jjigaes* coreanos tradicionais, sopas borbulhantes servidas em panelas de barro tradicionais chamadas *ttukbaegis*, que funcionam como minicaldeirões, para assegurar que a tua sopa ainda está a borbulhar uns bons dez minutos depois de chegar. Há uma banca de comida de rua coreana que serve *ramen* coreano (basicamente só *noodles Shin Cup* com um ovo partido lá para dentro); *dumplings* gigantes ao vapor, recheados de carne de porco, e *noodles* de amido numa massa espessa, tipo bolo; e *tteokbokki*, pequenos bolos de arroz cilíndricos e difíceis de mastigar, cozidos num caldo com bolos de peixe, pimento vermelho, e *gochujang*, uma pasta adocicada e picante que é um dos três molhos essenciais usados em quase todos os pratos coreanos. Por fim, há o meu favorito: fusão coreano-chinesa, que serve *tangsuyuk* — uma sopa de *noodles* agridoce cor de laranja, com marisco e carne de porco, arroz frito e *noodles* de feijão-preto.

A zona da restauração é o lugar ideal para observar as pessoas enquanto se suga *jjajangmyeon* salgado e gordo. Penso na minha família, que vivia na Coreia antes de a maioria ter morrido, e como coreano-chinês era sempre a primeira coisa que comíamos quando a minha

mãe e eu chegávamos a Seul, depois de um voo de catorze horas vindo da América. Vinte minutos depois de a minha tia ligar para fazer o nosso pedido, a campainha do apartamento tocava o «Für Elise» em MIDI, e lá subia o homem de capacete, acabado de descer da mota, com uma caixa gigante de metal. Deslizava a porta de metal e entregava tigelas amontoadas com *noodles* e porco panado frito, com o seu molho rico ao lado. A película de plástico por cima estava concava e húmida. Removíamos a película e derramávamos a delícia preta e com pedaços por cima dos *noodles*, e deitávamos o molho translúcido e pegajoso, cor de laranja, por cima do porco. Sentávamo-nos de pernas cruzadas no chão de mármore frio, a sorver e a estender as mãos para a comida por cima umas da outras. As minhas tias, a minha mãe e a minha avó tagarelavam em coreano, e eu comia e ouvia, incapaz de compreender, a incomodar a minha mãe de vez em quando, pedindo-lhe para traduzir.

Pergunto-me quantas pessoas no H Mart sentem falta das famílias. Quantas pensam nelas enquanto trazem os tabuleiros das diferentes bancas. Se comem para se sentir ligadas, para celebrar essas pessoas através da comida. Quais é que não puderam voar para casa este ano, ou nos últimos dez anos? Quais é que estão como eu, com saudades das pessoas que se foram para sempre das suas vidas?

Numa mesa está um grupo de jovens estudantes chineses, que estão sozinhos, sem família, em escolas na América. Juntaram-se para apanhar o autocarro a quarenta e cinco minutos da cidade, em direção aos subúrbios de um país estrangeiro, para comer sopa de *dumplings*. Noutra mesa, há três gerações de mulheres coreanas a comer três tipos diferentes de guisado: filha, mãe e avó, a mergulhar as colheres nas tigelas umas das outras, a estender as mãos para os tabuleiros umas das outras, os braços nas caras umas das outras, a apanhar os seus diferentes *banchan* com pauzinhos. Nenhuma delas presta atenção ou pensa duas vezes no conceito de espaço pessoal.

Há um jovem homem branco com a sua família. Riem-se juntos enquanto tentam pronunciar o menu. O filho explica aos pais os diferentes pratos que pediram. Talvez tenha estado destacado em Seul no serviço militar ou talvez tenha ensinado inglês no estrangeiro. Talvez seja o único na família com um passaporte. Talvez este seja o momento

em que a sua família decide que está na hora de viajar e descobrir estas coisas por si próprios.

Há um asiático a deixar a namorada de boca aberta, apresentando-a a um novo mundo de sabores e texturas. Mostra-lhe como comer *mul naengmyeon*, uma sopa fria de *noodles* que sabe melhor se primeiro lhe juntarmos vinagre e mostarda quente. Conta-lhe como os pais vieram para este país, como via a mãe fazer o prato em casa. Quando ela o fazia, não juntava curgete; substituía por rabanetes. Um velho coxeia até uma mesa próxima, para pedir papas de galinha e *ginseng*, que provavelmente come aqui todos os dias. Tocam campainhas para as pessoas irem buscar os seus pedidos. Atrás dos balcões, mulheres com viseiras trabalham sem parar.

É um lugar belo, sagrado. Uma cafetaria repleta de pessoas de todo o mundo que foram desalojadas num país estrangeiro, cada uma com uma história diferente. De onde vêm e de quão longe viajaram? Porque estão aqui? Para encontrar o *galangal* que nenhum dos supermercados americanos armazena, para fazer o caril indonésio que o pai adora? Para comprar os bolos de arroz para celebrar Jesa e honrar o aniversário do falecimento dos seus entes queridos? Para satisfazer um desejo de *tteokbokki* num dia de chuva, comovidos por uma recordação de algum *snack* no fim de uma noite de bebedeira, sob uma tenda *pojangmacha* em Myeong-dong?

Não falamos sobre isso. Não há sequer um olhar conhecedor. Sentamo-nos aqui em silêncio, a comer o nosso almoço. Mas eu sei que estamos todos aqui pela mesma razão. Estamos todos à procura de um pedacinho de casa, um pedaço de nós mesmos. Procuramos um gostinho dele na comiga que pedimos e nos ingredientes que compramos. Depois separamo-nos. Trazemos o saque de volta para os nossos dormitórios e cozinhas suburbanas, e recriamos o prato que não podia ser feito sem a nossa viagem. O que procuramos não está disponível no *Trader Joe*. O H Mart é onde a tua gente se junta sob um telhado aromático, cheios de fé de que vão encontrar algo que não podem encontrar em mais lado nenhum.

Na zona de restauração do H Mart, encontro-me outra vez à procura do primeiro capítulo da história que quero contar sobre a minha

mãe. Estou sentada ao lado de uma mãe coreana e do seu filho, que, sem saber, se sentaram na mesa ao lado do antigo sistema hidráulico. O rapaz vai buscar os talheres zelosamente ao balcão e coloca-os nos guardanapos de papel, para ambos. Está a comer arroz frito e a mãe, *seolleongtang*, sopa de osso de boi. Ele deve ter vinte e poucos anos, mas a mãe ainda lhe diz como comer, como a minha mãe costumava fazer. «Molha a cebola na pasta.» «Porque é que não estás a comer o feijão-mungo?» Em alguns dias, o atazanar constante irritava-me. Mulher, deixa-me comer sossegada! Mas, na maior parte dos dias, sabia que era a maior prova de ternura de uma mulher coreana, e eu valorizava esse amor. Um amor que dava tudo para ter de volta.

A mãe do rapaz põe pedaços de vaca da sua colher na dele. Ele está calado e parece cansado e não quer muito falar com ela. Quero contar-lhe a falta que sinto da minha mãe. Como ele deveria ser gentil para a sua, lembrar-se de que a vida é frágil e de que ela pode desaparecer a qualquer momento. Dizer-lhe para ir ao médico e assegurar-se de que não há um pequeno tumor a crescer dentro dela também.

No espaço de cinco anos, perdi tanto a minha tia, como a minha mãe para o cancro. Por isso, quando vou ao H Mart, não vou só à procura de choco e três molhos de cebolinha por um dólar; vou à procura de memórias. Estou a colecionar as provas de que a metade coreana da minha identidade não morreu quando ela morreu. O H Mart é a ponte que me guia para longe das recordações que me assombram, da cabeça de quimio e dos corpos esqueléticos e do registo de miligramas de hidrocodona. Lembra-me de quem elas eram antes, bonitas e cheias de vida, a acenar com anéis de milho com mel *Chang Gu* em todos os dez dedos, mostrando-me como sugar uma uva coreana da sua pele e cuspir as grainhas.

2

POUPA AS TUAS LÁGRIMAS

A minha mãe morreu a 18 de outubro de 2014, uma data de que estou sempre a esquecer-me. Não sei exatamente porquê, se é porque não quero lembrar-me ou se a data precisa parece tão pouco importante no contexto geral de tudo o que passámos. Tinha cinquenta e seis anos. Eu tinha vinte e cinco, uma idade que, durante anos, a minha mãe me assegurou que seria especial. Era a idade que a minha mãe tinha quando conheceu o meu pai. O ano em que se casaram, o ano em que ela deixou a terra natal, a sua mãe e as duas irmãs, e embarcou num capítulo fulcral da sua vida adulta. O ano em que deu início à família que viria a defini-la. Para mim, era o ano em que as coisas deviam organizar-se. Foi o ano em que a sua vida acabou e a minha se desmoronou.

Por vezes, sinto-me culpada por mal me lembrar de quando aconteceu. Todos os outonos tenho de navegar por todas as fotos que tirei da sua lápide para confirmar mais uma vez a data gravada, meio escondida pelos *bouquets* multicoloridos que lhe deixei nestes cinco anos, ou acabo a pesquisar no *Google* o obituário que deixei por escrever, para me preparar para sentir intencionalmente alguma coisa que nunca parece ser aquilo que era suposto sentir.

O meu pai é obcecado com datas. Uma espécie de relógio interno sussurra sem falha sempre que se aproxima um aniversário, dia da morte, aniversário de casamento e feriado especial. A sua psique torna-se intuitivamente mais sombria na semana antes e pouco tempo depois começa a inundar-me com mensagens no *Facebook*, sobre como tudo é injusto e como eu nunca vou saber como é perder o meu melhor amigo.

Depois volta a conduzir a mota por Phuket, para onde se reformou um ano depois de ela ter morrido, preenchendo o vazio com praias quentes e marisco de vendedores de rua e rapariguinhas que não sabem soletrar a palavra *problema*.

Do que pareço nunca me esquecer é do que a minha mãe comia. Era uma mulher de muitos «habituais». Metade de um hamburguer com queijo derretido em pão de centeio com batatas fritas, para partilhar no Terrace Cafe depois de um dia de compras. Um *iced tea* sem açúcar, com meio pacotinho de *Splenda*, que ela insistia que nunca usava em mais nada. *Minestrone*, que pedia «a ferver», com caldo extra, do Olive Garden. Em ocasiões especiais, meia dúzia de ostras na sua meia concha, com champanhe *mignonette* e sopa francesa de cebola «a ferver» do Jake, em Portland. Era, talvez, a única pessoa no mundo que pedia, a falar a sério, batatas fritas «a ferver» no *drive-through* do McDonald's. *Jjamppong*, sopa picante de *noodles* com marisco do Seoul Cafe, que chamava sempre Cafe Seoul, transpondo a sintaxe da sua língua nativa. Adorava castanhas assadas no inverno, apesar de lhe fazerem uns gases horríveis. Gostava de amendoins salgados com cerveja *light*. Bebia dois copos de *chardonnay* quase todos os dias, mas ficava maldisposta se bebesse o terceiro. Comia *pickles* picantes de pimentos com *pizza*. Nos restaurantes mexicanos, encomendava jalapenhos finamente cortados para acompanhar. Pedia os molhos à parte. Detestava coentros, abacate e pimentos. Era alérgica ao aipo. Raramente comia doces, com a exceção do ocasional meio litro de *Häagen-Dazs* de morango, um pacote de gomas de tangerina, uma ou duas trufas de chocolate da See perto do Natal, e um *cheesecake* de mirtilo no seu aniversário. Raramente petiscava ou tomava o pequeno-almoço. Carregava no sal.

Lembro-me claramente destas coisas porque era assim que a minha mãe nos amava, não com mentirinhas inofensivas e constante apoio verbal, mas com a observação subtil do que nos dava prazer guardada para nos trazer conforto e fazer sentir cuidados sem sequer darmos conta. Lembrava-se se gostávamos do nosso guisado com caldo extra, se éramos sensíveis ao picante, se detestávamos tomates, se não comíamos marisco, e se tínhamos muito apetite. Lembrava-se de que

acompanhamento *banchan* acabávamos primeiro, para que, da vez seguinte que lá fôssemos, tivéssemos uma enorme porção dupla, servida a par das várias outras preferências que faziam de ti, tu.

Em 1983, o meu pai voou para a Coreia do Sul em resposta a um anúncio no *The Philadelphia Inquirer* que dizia apenas «Oportunidade no Estrangeiro». A oportunidade acabou por ser um estágio em Seul, a vender carros usados ao exército dos E.U.A.. A empresa marcou-lhe um quarto no Naija Hotel, um marco no distrito Yongsan, onde a minha mãe trabalhava na receção. Era, supostamente, a primeira mulher coreana que ele alguma vez conhecera.

Namoraram durante três meses e, quando o estágio acabou, o meu pai pediu a minha mãe em casamento. Os dois estiveram em três países nos anos intermédios da década de 1980, vivendo em Misawa, Heildelberg e em Seul outra vez, onde eu nasci. Um ano mais tarde, o irmão mais velho do meu pai, Ron, ofereceu-lhe um emprego na sua empresa de subcontratação de camiões. A posição permitia estabilidade e um fim para o desenraízar intercontinental bianual da família, por isso, quando imigrámos, eu só tinha um ano.

Mudámo-nos para Eugene, no Oregon, uma pequena cidade universitária no noroeste do Pacífico. A cidade fica perto do rio Willamette, que se estende por cerca de 140 quilómetros, desde as Montanhas Calapooya no exterior da cidade, até à foz, em Columbia. Rasgando um caminho entre montanhas, a Cordilheira das Cascatas, a este, e a Cordilheira da Costa do Oregon, a oeste, o rio forma um vale fértil onde, há dezenas de milhares de anos, uma série de cheias da idade do gelo avançaram para sudoeste do Lago Missoula, viajando sobre Washington oriental e trazendo, nas águas das suas enchentes, o solo rico e a rocha vulcânica que agora sustentam as camadas da sua terra, planícies aluviais apropriadas para agricultura muito variada.

A cidade é, ela própria, revestida de verde, abraçando as margens do rio e espalhando-se pelas colinas agrestes e florestas de pinheiros do Oregon central. As estações são suaves, chuvosas, e cinzentas na maior parte do ano, mas abrem-se para um verão luxuriante e imaculado. Chove incessantemente, mas nunca soube de um habitante do Oregon que usasse guarda-chuva.

Os moradores de Eugene são muito orgulhosos da abundância regional e já eram apaixonados pela da inclusão de ingredientes locais, sazonais e orgânicos muito antes de isto voltar a estar na moda. Os pescadores têm sempre muito que fazer nas águas frescas, pescando salmão *chinook* selvagem na primavera, e o caranguejo doce *Dungeness* é abundante nos estuários durante todo o ano. Os agricultores locais juntam-se na baixa da cidade todos os domingo, para vender frutas, vegetais e mel orgânicos e caseiros, cogumelos forrageados e frutos silvestres. A demografia é constituída essencialmente por *hippies* que protestam contra a Whole Foods a favor das cooperativas locais, usam *Birkenstocks*, tecem lenços para a cabeça para vender nos mercados de rua, e fazem a sua própria manteiga de frutos secos. Há homens com nomes próprios como Herb e River, e mulheres chamadas Forest e Aurora.

Quando tinha dez anos, mudámo-nos para cerca de 11 quilómetros de distância da cidade, para lá dos viveiros de árvores de Natal e dos trilhos para caminhadas no Parque de Spence Butte, para uma casa no bosque. Ficava numa propriedade com cerca de dois hectares, por onde vagueavam bandos de perus selvagens à procura de insetos na erva e o meu pai podia conduzir o seu cortador de relva nu, se quisesse, protegido por milhares de pinheiros ponderosa, sem vizinhos por quilómetros em redor. Nas traseiras, havia uma clareira onde a minha mãe plantou azáleas e mantinha o relvado bem cuidado. Para lá dela, a terra abria-se em colinas de erva rija e argila vermelha. Havia uma lagoa artificial, cheia de água lamacenta e lodo mole, com salamandras e sapos para perseguir, apanhar e soltar. Cresciam espinheiros de amoras selvagens e, no início do verão, durante a época de fogos, o meu pai atacava-os com um grande par de tesouras de podar e abria novos caminhos entre as árvores, para formar um circuito onde pudesse conduzir a sua moto todo-o-terreno. Uma vez por mês, pegava fogo às pilhas que acumulara para queima, deixando-me despejar o fluído inflamável para a base, e admirávamos o seu trabalho quando as fogueiras de um metro e oitenta conflagravam.

Eu adorava a nova casa, mas também vim a ter-lhe rancor. Não havia crianças com quem brincar na vizinhança, nem lojas ou parques a uma distância que se pudesse fazer de biclicleta. Fiquei isolada

e solitária, filha única sem ninguém com quem falar ou para quem me virar, a não ser a minha mãe.

Deixada com ela nos bosques, fiquei assoberbada pelo seu tempo e pela sua atenção, uma devoção que, conforme aprendi, podia, ao mesmo tempo, ser um privilégio auspicioso e ter consequências sufocantes. A minha mãe era uma dona de casa. Construir um lar fora o seu modo de vida desde que eu nascera, mas, embora fosse vigilante e protetora, não se poderia dizer que fosse de grandes mimos. Não era o que eu chamaria de uma «Mãe-Mamã», que era o que eu invejava à maioria dos meus amigos. Uma Mãe-Mamã é alguém que se interessa por tudo o que a criança tem para dizer, mesmo que não haja hipótese de se ralar minimanente, que te arrasta para o médico quando tens a mais pequena queixa, que te diz «o que eles têm é inveja» se alguém goza contigo. Ou «és sempre linda para mim» mesmo que não sejas, ou «Adoro isto!» quando lhe dás uma merda pelo Natal.

Mas, de todas as vezes que me magoava, a minha mãe começava a gritar. Não *por* mim, mas *comigo*. Eu não conseguia compreender. Quando os meus amigos se magoavam, as mães pegavam neles ao colo e diziam-lhes que ia ficar tudo bem, ou iam direitas ao médico. As pessoas brancas estavam sempre a ir ao médico. Mas quando eu me magoava, a minha mãe ficava furiosa, como se eu tivesse danificado maliciosamente a sua propriedade.

Uma vez, quando estava a trepar a uma arvore no jardim da frente, o nó que usei para me içar cedeu debaixo do meu pé. Deslizei sessenta centímetros, arrastando a pele do meu estômago nu na casca áspera enquanto tentava voltar a agarrar-me, e caí quase dois metros em cima do tornozelo. A chorar, com o tornozelo torcido, a camisa rasgada, o estômago arranhado e a sangrar dos dois lados, a minha mãe não me pegou ao colo e não me levou a um médico. Em vez disso, desceu sobre mim como um banco de corvos.

— QUANTAS VEZES É QUE A MAMÃ TE DISSE PARA PARARES DE SUBIR ÀQUELA ÁRVORE?

— *Umma*, acho que torci o tornozelo! — gritei. — Acho que tenho de ir ao hospital!

Ela pairou sobre o meu corpo amassado, guinchando implacavelmente enquanto eu me contorcia entre as folhas mortas. Podia ter jurado que ela me deu uns pontapés.

— Mãe, estou a sangrar! Por favor, não grite comigo!

— VAIS TER ESSA CICATRIZ PARA SEMPRE! *AY-CHAM WHEN-IL-EEYA*?

— Desculpa, *okay*? Desculpa!

Pedi desculpa uma e outra vez, soluçando dramaticamente. Lágrimas gordas e lamentos insistentes e entrecortados. Puxei-me para casa pelos cotovelos, arrastando as folhas secas e a terra fria ao deslocar rigidamente para a frente a minha perna frouxa.

— *Aigo*! *Dwas-suh*! Já chega!

O amor dela era mais duro do que o amor duro. Era brutal, de força industrial. Um amor musculado, que nunca cedia um centímetro de fraqueza. Era um amor que via o que era melhor para ti dez passos adiante e não se importava que doesse como o caraças entretanto. Quando eu me magoava, ela sentia-o tão profundamente que era como se a aflição fosse dela. A sua única culpa era a de amar de mais. Percebo isso agora, em retrospetiva. Ninguém neste mundo me amaria mais do que a minha mãe, e ela jamais me deixaria esquecê-lo.

— Para de chorar! Guarda as tuas lágrimas para quando a tua mãe morrer.

Este era um dito comum na minha casa. Em vez das expressões inglesas que a minha mãe nunca aprendeu, ela inventou algumas. «A Mamã é a única que vai dizer-te a verdade, porque a Mamã é a única que te ama de verdade.» Algumas das memórias mais antigas que tenho são da minha mãe a instruir-me para, em todas as circunstâncias, «guardar dez por cento de ti própria.» O que queria dizer com isso era que, independentemente de quanto pensasses amar alguém, ou que alguém te amasse, nunca te davas por inteiro. Guardavas dez por cento, sempre, para teres uma reserva com que contar.

— Mesmo do Papá, eu guardo — acrescentava ela.

A minha mãe estava sempre a tentar transformar-me na versão mais perfeita de mim própria. Quando era bebé, beliscava-me o nariz

porque se preocupava que fosse demasiado achatado. Na escola primária, receava que fosse demasiado baixa, por isso todas as manhãs, antes da escola, mandava-me agarrar as barras da cabeceira da minha cama e puxava-me as pernas num esforço para as esticar. Se franzia demasiado a testa, ou se o meu sorriso era demasiado largo, alisava-me a testa com os dedos e mandava-me «parar de fazer rugas». Se andasse curvada, colocava a palma entre as minhas omoplatas e ordenava:

— *Ukgae pee-goo*! Ombros direitos!

Era obcecada com as aparências e passava horas a ver a *QVC*. Telefonava a encomendar condicionadores de limpeza, pastas de dentes especializadas e frascos de esfoliantes de óleo de caviar, séruns, hidratantes, tónicos e cremes anti-envelhecimento. Acreditava nos produtos da *QVC* com o zelo de uma teórica das conspirações. Se questionássemos a legitimidade de um produto, ela explodia em sua defesa. A minha mãe estava inteiramente convicta de que a pasta de dentes *SuperSmile* fazia os nossos dentes cinco vezes mais brancos, e de que o conjunto de cuidado de pele em três etapas da *Denese's Beautiful Complexion* retirava dez anos aos nossos rostos. O balcão da sua casa de banho era uma ilha repleta de potes de vidro e garrafas coloridas, que ela embebia, aplicava, esfregava, batia suavemente e aplicava suavemente no rosto, seguindo religiosamente um regime de cuidados de pele em dez passos, que incluía uma varinha com microcorrente para eletrocutar as rugas. Todas as noites, da entrada, conseguia ouvir o bater das suas mãos contra as faces e o zumbido da eletricidade pulsada, que supostamente lhe fechava os poros com os seus *zips* e *zaps*, e depois aplicava camada após camada de creme.

Entretanto, caixas de tónico *Proactiv* empilhavam-se, enfiadas debaixo do armário do meu lavatório; as cerdas de uma escova de limpeza *Clarisonic* continuavam secas e essencialmente por usar. Eu era demasiado impaciente para manter qualquer tipo de rotina que a minha mãe tentasse impor, uma fonte de discórdia que escalaria durante a minha adolescência.

A sua perfeição era enfurecedora, a sua minúcia, um completo enigma. Podia ter uma peça de roupa durante dez anos e ainda parecer que nunca fora usada. Nunca tinha um pedaço de cotão num casaco, um

borboto numa camisola ou uma única esfoladela num sapato de pele envernizada, enquanto eu era repreendida por destruir constamente ou perder abruptamente mesmo os pertences que mais estimava.

Aplicava a mesma meticulosidade na casa, que mantinha imaculada. Aspirava todos os dias, e, uma vez por semana, obrigava-me a passar um espanador em todos os rodapés, enquanto ela regava o chão de madeira com óleo e o afagava com um pano. Viver com o meu pai e comigo deve ter-lhe parecido semelhante a viver com duas crianças pequenas com tamanho a mais, determinadas a destruir o seu mundo perfeito. Muitas vezes, a minha mãe explodia por causa de alguma pequena desarrumação, e nós os dois olhávamos para o mesmo horizonte, sem fazer ideia do que estava sujo ou fora do sítio. Se algum de nós derramasse alguma coisa no tapete, a minha mãe reagia como se lhe tivéssemos pegado fogo. Soltava instantaneamente um lamento dorido, corria a ir buscar os *sprays* de limpeza de carpetes da *QVC* de debaixo do lava-loiças, e afastava-nos, com medo que espalhássemos a nódoa. Depois, limitávamo-nos a pairar perto dela, envergonhados, observando estupidamente enquanto ela esfregava e borrifava os nossos erros.

Os riscos aumentaram quando a minha mãe começou a reunir várias coleções de coisas preciosas e delicadas. Cada conjunto tinha um lugar especial na casa, onde era cuidadosamente exposto e organizado: as chaleiras pintadas em miniatura da *Mary Engelbreit* alinhadas nas estantes; bailarinas de porcelana no aparador da entrada, a da terceira posição com dois dedos a menos, uma recordação diária das consequências da minha palermice; e casas holandesas azuis e brancas nos parapeitos das janelas da cozinha, cheias com gin, duas ou três com rolhas metidas à toa durante alguma bebedeira, para lembrar o meu pai das suas. Animais de cristal *Swarovski* estavam instalados nas praleteiras de vidro do armário da sala. Em todos os aniversários e Natais, mais um cisne, porco-espinho ou tartaruga brilhantes encontravam o seu lugar na parede, uma adição à luz prismática que se projetava pela sala de manhã cedo.

As suas regras e expectativas eram esgotantes, mas, se me afastasse dela, ficava isolada e completamente responsável por me entreter a mim própria. Por isso, passei a infância dividida entre dois impulsos: envolver-me nas fantasias intrinsecamente maria-rapaz que levavam às

suas reprimendas ou agarrar-me à minha mãe, desesperada para lhe agradar.

Por vezes, quando os meus pais me deixavam em casa com uma *babysitter*, eu alinhava as suas miniaturas num tabuleiro e, cuidadosamente, lavava cada animal no lava-loiças com detergente, depois secava-os com toalhas de papel. Limpava o pó por baixo das prateleiras e limpava o vidro com *Windex*, depois tentava reorganizá-los de memória, na esperança de que, no regresso, a minha mãe me recompensasse com afeto.

Desenvolvi esta compulsão para limpar como uma espécie de ritual, executado quando me sentia mesmo que minimamente abandonada, uma contingência que atormentava a minha imaginação jovem. Era assombrada por pesadelos e por uma paranoia intensa de que os meus pais morressem. Imaginei ladrões a invadirem a nossa casa e visionei os seus assassinatos de forma horrivelmente detalhada. Se regressavam tarde de uma saída à noite, convencia-me de que tinham tido um acidente de automóvel. Era atormentada por sonhos recorrentes do meu pai, impaciente com o trânsito, a tentar orientar-se num atalho errado, que levava o carro deles pela berma fora na Ponte de Ferry Street, fazendo-os cair a pique no rio Willamette, onde se afogavam, incapazes de escapar pelas portas devido à pressão da água.

A avaliar pela sua reação positiva ao episódio semanal do espanador nos rodapés, concluí que, se a minha mãe regressasse a uma casa ainda mais limpa, prometeria nunca mais me deixar para trás. Era a minha triste tentativa de conquistá-la. Uma vez, numas férias em Las Vegas, os meus pais deixaram-me sozinha no quarto de hotel por umas horas, para irem jogar nos casinos. Passei o tempo todo a arrumar o quarto, a organizar a bagagem dos meus pais e a limpar as superfícies com uma toalha de mãos. Mal podia esperar que regressassem, para verem o que tinha feito. Sentei-me na minha cama desdobrável e sorri para a porta, à espera de ver os seus rostos, ignorando que o serviço de limpeza viria na manhã seguinte. Quando regressaram, insensíveis às mudanças, andei pelo quarto, arrastando-os atrás de mim conforme lhes apontava todas as minhas boas ações, uma por uma.

Esperava desesperadamente por outras oportunidades para brilhar e, na minha busca por campos de prova favoráveis, descobri que a nossa

apreciação partilhada por comida coreana não só servia como uma forma de vínculo entre mãe e filha, como também oferecia uma fonte pura e constante de aprovação. Foi no Mercado de Peixe Noryangjin que esta noção desabrochou verdadeiramente. Noryangjin é um mercado grossista onde se pode escolher peixe vivo e marisco dos tanques de diferentes vendedores, e pedir que sejam preparados numa série de estilos culinários nos restaurantes no andar de cima. A minha mãe e eu estávamos com as suas duas irmãs, Nami e Eunmi, e elas tinham escolhido quilos de abalone, vieiras, pepino-do-mar, charuteiro, polvo e caranguejo real, para comer crus ou cozinhados em sopas picantes.

Lá em cima, a nossa mesa encheu-se imediatamente com *banchan*, espalhado em redor do fogão a gás para o nosso guisado. O primeiro prato a chegar foi *sannakji* — polvo de braço longo vivo. Um prato cheio de tentáculos cinzentos e brancos que se contorciam à minha frente, acabados de separar da cabeça, todas as ventosas ainda a pulsar. A minha mãe agarrou um, arrastou-o por *gochujang* e vinagre, pô-lo entre os lábios e mastigou. Olhou para mim e sorriu, vendo-me de boca aberta.

— Experimenta — disse ela.

Num contraste marcado com outros domínios da sua autoridade parental, a minha mãe era flexível quanto às regras acerca da comida. Se eu não gostasse de alguma coisa, nunca me forçava a comê-la, e, se só comesse metade da minha porção, nunca me obrigava a acabar o que estava no prato. Acreditava que a comida tinha de ser apreciada e que era um desperdício maior expandir o estômago do que continuar a comer quando se estava cheio. A sua única regra era que tinha de provar tudo uma vez.

Ansiosa para lhe agradar e impressionar as minhas tias, equilibrei a perna mais viva que consegui encontrar entre os pauzinhos, mergulhei-a no molho como a minha mãe tinha feito, e meti-a na boca. Era salgada, ácida e doce, apenas com um vestígio de picante do molho, e muito, muito elástica. Triturei o tentáculo entre os dentes quantas vezes fui capaz, antes de engolir, com medo que se colasse às minhas amígdalas na descida.

— Bom trabalho, querida!

— *Aigo yeppeu*! — exclamaram as minhas tias. É a nossa menina bonita!

A minha família elogiou a minha coragem, eu irradiei orgulho, e algo nesse momento definiu o meu caminho. Vim a aperceber-me, enquanto tentava ser boa menina, que a minha excelência podia estar em ser corajosa. Comecei a deleitar-me em surpreender os adultos com o meu palato refinado e a enojar os meus pares inexperientes com o que descobrira serem algumas das maiores dádivas da natureza. Aos dez anos já sabia abrir uma lagosta só com as mãos e um quebra-nozes. Devorava bife tártaro, patés, sardinhas, caracóis em manteiga e cobertos de alho tostado. Tinha experimentado pepino-do-mar, abalone e ostras na sua concha, todos crus. À noite, a minha mãe assava choco seco num fogareiro e servia-o com uma taça de amendoins e molho de pasta de pimenta vermelha misturada com maionese japonesa. O meu pai rasgava-o em tiras e comíamo-lo a ver televisão juntos, até termos os maxilares doridos, e empurrávamos tudo com pequenos goles de uma das *Coronas* da minha mãe. Nenhum dos meus pais se licenciou. Não fui criada numa casa com muitos livros ou discos. Não fui exposta à arte desde cedo, nem levada a museus ou peças em instituições culturais estabelecidas. Os meus pais não conheciam nomes de autores que eu devia ler ou realizadores estrangeiros a cujos filmes devia assistir. Não me foi oferecida uma velha edição do *À Espera no Centeio* quando era pré-adolescente, discos dos Rolling Stones em vinil, ou qualquer tipo de material didático do passado que pudesse dar-me um empurrãozinho para a maturidade cultural. Mas os meus pais tinham mundo, à sua maneira. Tinham visto uma boa parte do mundo e provado o que tinha para oferecer. O que lhes faltava em alta-cultura, compensavam gastando o que ganhavam arduamente em iguarias. A minha infância foi rica em sabores — morcelas, intestinos de peixe, caviar. Adoravam boa comida, fazê-la, procurá-la, partilhá-la, e eu era a convidada de honra à sua mesa.